

HOJE, COMO ONTEM [E AMANHÃ?]: nas origens da produção e distribuição do conhecimento

BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados**: os dois gumes da história da cultura humana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 350p.

“Este é um livro sobre as pessoas que nos deram o mundo em troca de nossas mentes”. Essas pessoas são os “fazedores de machados” do título, “cujas descobertas e inovações vêm, há milhares de anos, presenteando poder sob inúmeras formas” (p.15). Acho que é uma história que nós, profissionais da informação, precisamos ouvir e refletir, pois é também um pouco da nossa história.

Para os autores, a cada vez que os fazedores de machados ofereciam presentes à humanidade, tais como novas maneiras de produzir riqueza e segurança, os humanos mudavam o mundo em que viviam com esses instrumentos de poder. E ao mudar o mundo “mudávamos nossas mentes, porque cada presente redefinia nosso modo de pensar, os valores e as verdades por que vivíamos e morríamos” (p.15). E vem sendo assim desde o tempo dos machados de pedra, muito antes da evolução biológica criar a espécie de humanos que somos — “sábios dos sábios”.

“Quem e o que são os fazedores de machado desta fábula? Originalmente, eram remotos hominídeos que tinham talento para moldar as pedras ... e por assim fazer, criar instrumentos que iriam recortar o mundo. Esta capacidade fazedora-de-machados de realizar coisas na ordem apropriada é um dos muitos talentos naturais do cérebro” (p.17). Burke e Ornstein entendem que a mudança mais significativa na carreira dos fazedores de machados ocorreu quando “há cerca de 30 mil anos, enquanto a temperatura em declínio fazia perigar o suprimento de comida e a sobrevivência começava a exigir tipos de organização cada vez

mais eficientes, ... um novo e extraordinário tipo de artefato apareceu pela primeira vez” (p.45-7).

“O novo instrumento deve ter parecido absolutamente mágico, e é tentador vê-lo na origem do antiquíssimo mito da varinha de condão. Ele parece representar o primeiro uso deliberado e preciso de um aparato destinado a estender a memória, porque com ele o conhecimento podia ser mantido como registro fora do cérebro ou de uma seqüência ritual. Tais objetos mágicos, chamados de “bastões” pelos arqueólogos modernos, são feitos de ossos ou chifres entalhados. ... Cada sinal entalhado no bastão era feito com um golpe de uma ferramenta de tipo especial. ... Com toda a probabilidade, **as gravações representam a primeira forma de notação informacional**. Sua mera existência é prova do estágio altamente desenvolvido da inteligência de seus autores” (p.48. **Negrito nosso**). Nesse sentido, qualquer semelhança com nossos atuais pen drives, ou memórias eletrônicas expandidas onde estocamos informações, não é mera coincidência mas uma reincidência. A tecnologia muda, mas a função permanece — registrar e preservar a informação sobre o mundo, diminuir a incerteza dos humanos sobre o meio ambiente.

No distante mundo do neolítico, “esses bastões maravilhosos indicam capacidade de abstrair e simbolizar. Revelam também uma capacidade altamente desenvolvida de observar e registrar os fenômenos celestes. Revelam, acima de tudo, como os instrumentos, ao tornar possível uma vida cada vez mais complexa, mudaram também o modo de funcionamento de nossas mentes. Um instrumento como o bastão

permitiu a codificação da natureza em símbolos duráveis que podiam ser utilizados e reutilizados pela imaginação para manipular o mundo. ... Os bastões deram ... ao xamã ... a capacidade de prever os acontecimentos antes de eles ocorrerem, como o degelo e a chegada do salmão. O sucesso dos novos instrumentos fica evidente no fato de que todos os bastões [encontrados em sítios arqueológicos], com pouquíssimas exceções, exibem sinais de uso contínuo” (p.49).

Portanto, o bastão do xamã guardava a memória de eventos naturais registrados em sinais codificados de uma forma que apenas os “iniciados” naquela linguagem específica poderiam decifrar, e nos quais podemos identificar informações sobre os ciclos de vida de vegetais e animais. Um almanaque primordial, perfeitamente portátil, com as informações básicas sobre as regularidades de uma natureza aparentemente caótica. Um instrumento representativo, por si só, de poder e domínio intelectual sobre a natureza. “Mas, acima de tudo, a simples presença dessas varinhas de condão anuncia um novo tipo de conhecimento, diferente talvez de tudo o que as precedera. O bastão não era apenas um machado de pedra moldado por uma técnica misteriosa, desconhecida da maioria [mas] cuja finalidade podia ... ser apreciada pelo uso. ... Os símbolos eram a prova visível da existência de um tipo de conhecimento artificial do mundo que conferia poder àqueles que sabiam como usá-lo” (p.50).

Esse novo tipo de conhecimento iria se desenvolver cada vez mais, a partir do prodigioso presente da escrita alfabética.

“[A escrita representou a criação de] um instrumento para a reprodução do mundo através de símbolos [e] deu às primitivas comunidades agrícolas uma nova maneira de descrever e registrar o mundo. A nova técnica iria constituir-se em um método radicalmente diferente de gerar conhecimento, um modo sem paralelo de manipular informação externa à mente e, o mais importante, um poderoso instrumento de controle social (p.60). ... Mais importante que tudo, talvez, o alfabeto era outro daqueles presentes de fazedor de machados que iriam mudar o modo de funcionamento do cérebro humano e, por conseguinte, a maneira de os humanos alfabéticos encararem a si mesmos e sua relação com o mundo” (p.87).

A combinação de mudanças cognitivas no cérebro, decorrentes do processo de desenvolvimento do pensamento alfabético, com uma ordem social desenvolvida, a produção estável de suprimentos alimentares e a segurança comunitária tornaram possível o primeiro salto em direção ao moderno conhecimento consciente. O estabelecimento de uma cultura letrada permitiu aos humanos certo distanciamento entre pensador e pensamento, por meio não somente da externalização da memória mas do próprio processo de pensamento.

Essa maneira de tratar o conhecimento como artefato iria separar, socialmente, os fazedores de machados das demais pessoas, fazendo do conhecimento um mundo novo em si mesmo, a ser recortado e segmentado por especialistas. E essa mudança, segundo os autores, pode ser observada no decorrer apenas de um século de cultura grega, “durante o qual um certo modo de olhar o mundo analiticamente, passo-a-passo, adquiriu proeminência sobre a base do desenvolvimento de novos procedimentos para a aquisição e análise do conhecimento” (p.89). “Com a ajuda da escrita ... o cérebro pode manipular símbolos e idéias sem ter que despender o esforço de reproduzi-los. ... O estoque externo também divulga o pensamento, de modo que as idéias podem ser avaliadas, comentadas e criticadas. A ciência é, talvez, o mais poderoso exemplo do que esta capacidade pode propiciar” (p.86).

À medida que os fazedores de machados se transmutaram de xamãs em alquimistas e cientistas, as comunidades se expandiram como tribos, cidades-estado e, mais recentemente, nações. A separação original entre fazedores e não-fazedores de machados ampliou-se ainda mais, onde se aplica a parábola dos talentos, narrada em Mateus, segundo a qual ‘a quem muito tem, muito será dado, mas a quem nada tem até isso lhe será tirado’ (versão livre). Atualmente, essa reflexão pode ser aplicada particularmente ao profissional da informação

O fazedor de machados que constitui nosso arquétipo profissional teve um papel fundamental na construção da sociedade “da informação” em que vivemos. E agora, quando a informação pode se constituir em auxiliar valiosa para promover a mudança apontada pelos autores como crucial para nossa sobrevivência, nos defrontamos com esse aspecto “guardião” da nossa profissão, o

qual aponta na conhecida direção do controle da informação e do conhecimento.

Contudo, nos entrementes pode ter chegado o tempo de escolher entre as metáforas dos talentos e a do semeador, a partir da qual podemos entender nosso papel como profissionais de informação como o de “transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam, na sociedade” (cf. Wersig e Neveling, 1975 citados por Freire, 2001). Pois o conhecimento voa nas asas da informação.

Nessa perspectiva, também conforme Mateus, poderíamos dizer sobre o profissional da informação: “Eis que saiu um semeador a semear”.

Da nossa semeadura fazem parte ações como a dos arquivos abertos, tecnologia que permitiu, entre outras possibilidades, o incremento de periódicos científicos em todas as áreas científicas e a difusão de conhecimentos promovida pelos próprios cientistas, nos repositórios temáticos. Fazem parte, também, as ações de inclusão digital em comunidades economicamente desfavorecidas, em escolas públicas de todos os níveis, as discussões sobre políticas para democratização da informação, a disponibilidade do governo eletrônico, o desenvolvimento e uso do software livre, a possibilidade de construção de uma inteligência coletiva...

Entretanto, como vivenciaram Otlet e La Fontaine em seu tempo, será necessário muito mais do que prover o acesso à informação e às tecnologias que a conformam, mais do que propiciar as competências em tecnologias intelectuais para transformar informação em conhecimento. Será necessário unir as mentes e corações que pulsam no campo da informação, colocar nosso conhecimento em ação com a consciência de que somos parte de um novo grupo de fazedores de machados — aqueles empenhados em promover uma nova mente para um novo mundo. Um mundo para todos.

LINKS PARA LEITURAS

Sobre Paul Otlet e Henri La Fontaine:

<http://www.scribd.com/doc/231973/Otlet>

<http://infopesq.wikidot.com/paul-otlet>

<http://extralibris.info/artigo/116>

http://www.isafreire.pro.br/Perspectivas_CI_2005.pdf

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652006000200002&script=sci_arttext

Sobre a responsabilidade social da Ciência da Informação:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100006&script=sci_pdf&tlng=pt

http://www.isafreire.pro.br/FREIRE_ArespsocialdaCI2004.htm

Sobre inclusão digital e social:

http://www.isafreire.pro.br/Texto_Castells.htm

<http://www.isafreire.pro.br/arquivo10.pdf>

http://www.isafreire.pro.br/FREIRE_desafio_inclusao_digi.htm

http://www.isafreire.pro.br/FREIRE_acesso_info_06.pdf

